



ORIENTE MÉDIO

Israel desafia acordo e aliança com EUA

Trump e negociador-chefe iraniano assinam memorando de entendimento para pôr fim à guerra. Primeiro-ministro Benjamin Netanyahu descarta retirada de tropas do sul do Líbano e garante que salvou seu país da “destruição nuclear”

» RODRIGO CRAVEIRO

Considerado um passo anterior ao acordo de cessar-fogo, o memorando de entendimento para pôr fim à guerra no Oriente Médio foi assinado eletronicamente pelo presidente Donald Trump, e pelo vice, JD Vance, no lado dos Estados Unidos; e pelo negociador-chefe Mohammad Bagher Ghalibaf, pelo lado do Irã. Além de uma série de brechas, e apesar da promessa de reabertura do Estreito de Ormuz em 19 de junho, a ofensiva diplomática esbarra na resistência de Israel.

O primeiro-ministro Benjamin Netanyahu anunciou que as tropas israelenses permanecerão no Líbano, na Faixa de Gaza e na Síria “pelo tempo que for necessário”. “O mais importante é que salvamos o Estado de Israel da ameaça de destruição nuclear”, afirmou o premiê. “E o que isso significaria? Significaria que milhões de cidadãos israelenses — vocês, que me ouvem agora —, todos vocês teriam estado em terrível perigo de morte em massa... E afastamos de nós, por anos, esse perigo de aniquilação da população de Israel. Com acordo ou sem acordo, o Irã não terá armas nucleares”, assegurou Netanyahu.

No sul do Líbano, onde as Forças de Defesa de Israel (IDF) lutam contra o movimento fundamentalista xiita Hezbollah, um drone israelense explodiu um carro perto da cidade de Nabatieh e matou o motorista. A facção islâmica afirmou que usou drones e foguetes para impedir o avanço de tropas israelenses em dois tanques Merkava e uma escavadeira na mesma região. Assim que a notícia sobre a assinatura do memorando de entendimento se espalhou, libaneses refugiados em outras áreas começaram a voltar para suas casas, apesar de o governo do país ter advertido os cidadãos a suspenderem o regresso até segunda ordem.

Trump usou a própria plataforma Truth Social para comemorar o retorno da navegação no Estreito de Ormuz, por onde passa um quinto da produção de petróleo do planeta. “Os navios começam a se mover, muitos carregados de petróleo, para fora do Estreito de Ormuz. Eles estão seguindo pela ‘rodovia do sul’, que é totalmente segura e preservada.”

“Muito aquém”

Para especialistas consultados pelo **Correio**, o memorando de entendimento decepciona e foi criado para que Trump reforce seu capital político com a ideia de triunfo na guerra contra o Irã. “Estou muito feliz em dizer que está assinado, o acordo está totalmente assinado”, disse o republicano ao conversar com o presidente da França, Emmanuel Macron, durante a cúpula do G7. Trump anunciou que os termos do memorando serão divulgados até sexta-feira, data da provável assinatura do acordo de cessar-fogo, em Berna, na presença de autoridades do Paquistão, responsáveis por mediar as negociações.

Professor de relações internacionais da Universidade de Nova York, Alon Ben-Meir explicou ao **Correio** que o memorando de entendimento estabelece um cessar-fogo de 60 dias e deixa todos os temas principais para serem negociados durante essa janela. “Está muito aquém de qualquer resolução significativa. A afirmação de Trump de que a reabertura do Estreito de Ormuz constitui uma grande conquista é enganosa. O Estreito estava aberto antes do conflito; então, reabri-lo não representa ganho importante. Parece uma tentativa de

Atta Kenare/AFP



Iraniana agita a bandeira na Praça Valiasr, em Teerã: regime decretou vitória no conflito e anunciou que forçou americanos a firmarem acordo

Abbas Fakhri/AFP



Carro de refugiados passa diante de prédio destruído durante bombardeios israelenses, na cidade de Nabatieh, no sul do território libanês

projetar vitória em um cenário onde pouco foi conquistado”, declarou.

Segundo Ben-Meir, tanto os Estados Unidos quanto Israel saíram enfraquecidos do conflito. “Os temas mais espinhosos, especialmente o programa nuclear do Irã e seu estoque de urânio enriquecido, permanecem sem solução. Por outro lado, o Irã parece encorajado. Isso porque Teerã não se comprometeu a reduzir seu apoio aos aliados regionais — Hezbollah, Hamas e houthis — e chegou a exigir que Israel interrompa suas operações no Líbano. Em suma, a situação atual aponta para o Irã emergindo em uma posição estratégica mais forte do que os Estados

Unidos ou Israel”, advertiu o especialista em Oriente Médio.

Eytan Gilboa — professor de ciência política da Universidade Bar-Illan (em Ramat Gan, subúrbio de Tel Aviv) — classifica o memorando de entendimento como um documento frágil. “Há mais de duas décadas, o Irã mente e engana sobre seu programa de armas nucleares, afirmando que não buscava tais armas. Se isso fosse verdade, como explicaríamos o enriquecimento de urânio a 60%? Para fins pacíficos, bastava enriquecer a 3,67%. Presumimos que continuarão a enganar e, portanto, o prazo de 60 dias acordado para concluir as negociações sobre as armas nucleares provavelmente fracassará”,

declarou. O especialista israelense também disse que não ficou claro como o memorando de entendimento levará ao fim dos ataques do Hezbollah contra o Estado judeu.

De acordo com Gilboa, a relação entre Estados Unidos e Israel está “estremecida”. No entanto, ele descartou um colapso. “Presumo que, assim que Trump descobrir a má-fé e a manipulação do Irã, a aliança será restaurada”, comentou. Pesquisador senior do Middle East Institute, especializado em política externa e segurança nacional dos Estados Unidos, Brian Katulis avalia que o acordo é melhor do que a alternativa de mais guerra. “No entanto, é improvável que mude fundamentalmente

o panorama de segurança regional, o qual permanece frágil e vulnerável a múltiplos choques nas próximas semanas e meses”, admitiu.

Alinhamento

Apesar do desgaste, Katulis crê que Israel e EUA seguem alinhados sobre metas estratégicas. “Algumas vezes Netanyahu e Trump têm divergências sobre temas táticos e operacionais. Se o acordo com o Irã seguir, testará a parceria, talvez até mesmo em âmbito estratégico”, observou. Ele acha improvável que o cessar-fogo leve a uma ruptura completa. “A longo prazo, a questão palestina pode terminar a uma ruptura maior.”

Eu acho...

Fotos: Arquivo pessoal



“Netanyahu se opôs ao acordo porque ele não acredita que o pacto será capaz de eliminar o programa nuclear iraniano. Mas o primeiro-ministro depende completamente de Donald Trump e não pode entrar em choque com ele. Tanto a coalizão de governo quanto a oposição concordam que o acordo ameaça seriamente a segurança nacional de Israel.”

EYTAN GILBOA, professor de ciência política da Universidade Bar-Illan (em Ramat Gan, subúrbio de Tel Aviv)

Arquivo pessoal



“As ações militares de Israel no Líbano podem comprometer um possível acordo. O primeiro-ministro Netanyahu enfrenta pressões internas para manter a segurança de seu povo e pode resistir a um acordo que impeça de atacar forças que ameacem seus cidadãos.”

BRIAN KATULIS, pesquisador senior do Middle East Institute, especializado em política externa e segurança nacional dos Estados Unidos

Ben-Meir discorda de Katulis e entende que, nas últimas semanas, tem ficado cada vez mais evidente que Netanyahu e Trump não estão mais alinhados sobre como prosseguir com a guerra no Irã. “O premiê israelense tem insistido na continuidade da campanha militar até o desmantelamento do programa nuclear iraniano e a eliminação da capacidade de produção de mísseis balísticos. Trump, no entanto, parece ter concluído que prolongar o conflito criaria riscos ainda maiores do que benefícios. O regime iraniano permanece intacto, e sua capacidade de fechar o Estreito de Ormuz, o que prejudicou gravemente a economia mundial, tornou ainda mais urgente o fim da guerra”, disse.

Por essa motivação econômica, ele vê a iniciativa de Trump de pressionar pela interrupção dos combates, a despeito do desejo contrário de Netanyahu. “A divergência se estende para além do Irã. O israelense buscou manter a ofensiva contra o Hezbollah, mas o Irã teria condicionado o cessar-fogo à suspensão da campanha no Líbano. Nesse ponto, Trump também pressionou Netanyahu, em uma troca de palavras bastante tensa. O crescente desentendimento entre os dois líderes é mais profundo do que aparenta publicamente”, admitiu Ben-Meir.

A forte dependência de Israel em relação aos Estados Unidos — em temas de segurança e compartilhamento de informações — deixa Netanyahu com pouca margem de manobra, avalia o professor de Nova York. “Embora possa ser compelido a se alinhar com Washington em relação ao Irã, Netanyahu segue firme em sua posição sobre o Hezbollah. Ele deixou claro que as forças de Israel não se retirarão do Líbano e manterão as operações, enquanto o Hezbollah persistir nos ataques.”